



Uma artista da universidade
Perfil da profª Sonia Rangel. Pág. 8



Eleições de Delegados para o XIII Encontro Nacional do Proifes
Pág. 3



www.apub.org.br

Jornal APUB

JORNAL DO SINDICATO DOS PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR DA BAHIA



Ciência e Tecnologia Cortes já atingem comunidade científica

Pág. 6

Trabalhadores e trabalhadoras em mobilização contra retrocessos

Pág. 4

Editorial

Unidade contra as reformas e por eleições diretas

Em situações de crise, como a que vivenciamos no Brasil, sempre surgem propostas das mais distintas para resolver os problemas. Assim, ficamos expostos/as à instabilidade e ao medo, que fornecem terreno fértil a ideias que se aproximam do autoritarismo e do conservadorismo. O momento é delicado: a justa indignação contra a corrupção foi sequestrada por interesses de poucos; entre a população, cresce a rejeição à política como um todo e à sua expressão organizada em partidos, parlamentares e também entidades sindicais. O poder Executivo e o Congresso, cada vez mais envolvidos em sua própria luta por sobrevivência, ignoram a vontade popular e mantêm sua agenda de reformas, contribuindo para a já evidente crise de representatividade. Numa situação de desesperança e na ausência de saídas claras, cabe ao campo progressista fazer a necessária reflexão, promover articulações e propor alternativas, pautadas sempre pela democracia, que visem manter as conquistas da classe trabalhadora e o avanço dos direitos sociais. A verdade é que temos nos mobilizado, nas ruas e na universidade, mas é preciso avançar mais. Como trabalhadores e trabalhadoras, sabemos que precisamos construir e manter a unidade, que é de onde provém a nossa força; como professores e professoras, sabemos que antes de qualquer realização vem um projeto, uma ideia, e que precisamos estar sempre dispostos/as ao debate. Que tipo de educação, que tipo de ciência, nós queremos? E qual projeto de país pode nos oferecer as melhores oportunidades para realizarmos esses anseios? As respostas não serão simples nem imediatas, mas nos cabe propor o debate. Enquanto isso, que nos mantenhamos atentos/as, nas ruas. Novamente, a palavra de ordem é Diretas Já. Contra as reformas, pelos direitos e pela Democracia.

Forró da Apub anima docentes

Dia 09 de junho aconteceu mais uma edição do tradicional Forró da Apub. Professores e professoras, juntamente com familiares e amigos, lotaram a sede do sindicato para a festa que contou com comidas típicas e forró ao vivo, com o músico Edinho Lima.



**APUB
SINDICATO**

JORNAL DA
APUB SINDICATO DOS
PROFESSORES DAS INSTITUIÇÕES
FEDERAIS DE ENSINO
SUPERIOR DA BAHIA

Rua Aristides Novis, 44,
CEP 40210-630
Federação - Salvador - Bahia

71 3235-7433
apub@apub.org.br
www.apub.org.br
www.facebook.com/
apub.sindicato/
twitter.com/apubsindicato

PRESIDENTE:
Luciene da Cruz Fernandes

VICE-PRESIDENTE:
Ricardo Fernandes Carvalho

DIRETORA ADMINISTRATIVA:
Danielle Souto de Medeiros

DIRETORA FINANCEIRA:
Leopoldina Cachoeira Menezes

DIRETORA ACADÊMICA:
Raquel Nery Lima Bezerra

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO
E CULTURA:
Hebe Alves da Silva

DIRETOR SOCIAL E DE
APOSENTADOS
Elvira Barbosa Quadros Cortes

Redação:
Anaíra Lôbo e
Carolina Guimarães
ascom@apub.org.br
WhatsApp: 71 9.9157-0037

Diagramação:
Carlos Vilmar

Impressão:
Gráfica Luripress

Tiragem:
3.500 exemplares

Fechamento da edição:
06/07/2017

CANAIS DE COMUNICAÇÃO DA APUB SINDICATO

Adicione o WhatsApp da Assessoria de Comunicação da Apub Sindicato e receba notícias e informações sobre a categoria.



71 9.9157-0037



71 3235-7433

71 9.9353-0053

apub@apub.org.br/ouvidoria@apub.org.br

www.apub.org.br

www.facebook.com/apub.sindicato

twitter.com/apubsindicato

www.youtube.com/ApubSindicato

ENQUETE

A Apub Sindicato quer saber sua opinião e sugestões sobre o Jornal.

Acesso o QR Code ao lado e participe da enquete.



REPRESENTAÇÃO DOCENTE

Com votação recorde, Apub elege seis delegados/as para o XIII Encontro do PROIFES

Após 13 dias de votação eletrônica, na qual docentes filiados/as à Apub puderam escolher entre 14 candidatos e candidatas, chegou-se ao final da eleição de delegados/as para o XIII Encontro Nacional do PROIFES-Federação com um total de 285 votos e 06 delegados/as eleitos/as. As professoras Cláudia Miranda (Faced), Leopoldina Menezes (Matemática), Leila Costa Cruz (IMS) e Sílvia Lúcia Ferreira (Enfermagem) e os professores José Antonio Lobo (Igeo) e Joviniano Neto (FFCH/Aposentado) representarão o sindicato com direito a voz e voto durante os quatro dias de deliberações do Encontro, que irá debater os principais temas de interesse e reivindicações dos/as docentes das Universidades e Institutos Federais.

Trata-se da mais expressiva votação dos últimos quatro anos: em 2012, por exemplo, foram apenas 78 votos totais resultando em 3 delegados/as eleitos/as – de acordo com o estatuto do PROIFES, o número de eleitos depende da quantidade de votantes: 1 a 50 votantes elegem 1 delegado/a; 51 a 100 votantes elegem 2, e assim sucessivamente. O número teve aumento significativo em 2013, com um total de 164 votos; oscilou para 159 em 2014 e 2015 e voltou a crescer no ano passado chegando a 197. Esse ano foram 88 votos a mais, um aumento de mais de 40% (veja o gráfico abaixo). Outra questão importante das eleições deste ano foi elas terem trazido não apenas diversidade nas unidades de origem dos/as candidatos/as e equilíbrio em relação ao gênero, mas novos/as participantes, não necessariamente militantes históricos do movimento

sindical. Esse início de renovação é destacado pela presidenta da Apub Luciene Fernandes: “foi a eleição que teve o maior número de delegados inscritos e não só na quantidade, mas também de professores mais novos na universidade que não têm uma relação direta com o movimento sindical e estão interessados em participar. A atual gestão tem trabalhado para aproximar esses professores”, afirmou.

Uma das novas participantes, e delegada eleita, é a professora Leila Cruz, do Instituto Multidisciplinar em Saúde da UFBA, sediado no campus Anísio Teixeira em Vitória da Conquista. Sua motivação em participar foi a necessidade de ampliar a representatividade de docentes do campus avançado: “nós temos demandas que são relativas a essa condição”, disse. Porém, destacou que todas as temáticas que serão debatidas no Encontro são “importantes e urgentes”, especialmente na atual conjuntura política: “temos visto o avanço das políticas neoliberais em todos os campos; precisamos nos unificar, mobilizar e construir um discurso, para isso é necessário mesmo debater. O Encontro vai ser oportuno por conta disso”.

Em sua segunda participação como delegado, o professor Antonio Lobo, do Instituto de Geociências, destacou a conjuntura difícil e o empenho do governo ilegítimo em aprovar reformas que prejudicam trabalhadores e trabalhadoras, questões que necessariamente estarão presentes nos debates do Encontro: “a conjuntura é difícil, mas o movimento está crescendo, tem se colocado de forma ativa, autônoma”, afirmou. Para ele, a boa votação geral e a qualidade dos/as delegados/as eleitos geram expectativas positivas para o Encontro: “essa delegação que a Apub está levando é muito boa, muito forte e combativa; foi bem votada pela comunidade, ou seja, vai com uma boa legitimidade para poder representar o nosso sindicato e, conseqüentemente, os interesses da nossa categoria e aqueles que permeiam a defesa dos direitos dos trabalhadores”.

Embora traga sempre espaço para temáticas variadas, o Encontro parte de alguns assuntos pré-definidos que giram em torno da conjuntura



Leila Cruz



Antônio Lobo

geral e dos interesses específicos dos/as professores/as e do campo da educação. Este ano, por exemplo, os impactos das reformas, o financiamento da educação e o CONAE 2018 – incluindo as medidas arbitrárias que levaram à efetiva dissolução do Fórum Nacional de Educação – serão debatidos. Importante destacar que o PROIFES tem atuado, junto a outras entidades, para realizar em 2018 uma Conferência Nacional Popular de Educação. Em relação à Campanha Salarial, o Encontro é o local de apresentação de propostas que, após serem discutidas na base, resultarão em novos acordos. Esse processo já promoveu ganhos importantes para a categoria, com elevação real de salários e o início da reestruturação das carreiras, um dos principais pontos do último acordo, assinado no final de 2015, durante o chamado ajuste fiscal. Para Luciene Fernandes, isso demonstra a capacidade da categoria de “lutar em todas as condições e não só em momentos mais propícios”.

O XIII Encontro Nacional do PROIFES acontece entre os dias 26 e 29 de julho, em Porto Alegre (RS).

TEMAS DO XIII ENCONTRO NACIONAL DO PROIFES

Conjuntura Nacional e perspectivas do Movimento Sindical; os desafios do movimento docente; Campanha Salarial, carreiras e assuntos de aposentadoria; Plano Nacional de Educação, CONAE 2018 e financiamento da educação 2018; Os impactos das Reformas na Educação Brasileira.



Nos últimos meses, diversas vezes a população, convocada pelas Centrais Sindicais e movimentos sociais, ocupou as ruas com o intuito de impedir mais retrocessos trazidos pela agenda adotada pelo governo ilegítimo após o golpe de 2016. Enquanto avolumam-se os escândalos e denúncias, a classe trabalhadora tem se mobilizado em defesa dos direitos em manifestações de maior e menor escala. Uma das mais contundentes, foi a Greve Geral do dia 28 de abril, quando, estima-se mais de 4 milhões de brasileiros e brasileiras aderiram ao movimento. Em 30 de junho, mais uma vez, tivemos um dia de Greve; as demandas por direitos também pautaram as manifestações do 2 de julho na capital baiana.

Trabalhadores e trabalhadoras em



A Apub esteve atuante tanto nas reuniões de articulação quanto nas ruas. A categoria docente, nas Assembleias, sempre ratificou o posicionamento de adesão a todas as mobilizações contra as reformas.

mobilização contra retrocessos



“O que mais me assusta é as pessoas começarem a achar que não vale a pena fazer ciência. Quando você tira uma bolsa de iniciação científica de um aluno, por exemplo, você está dizendo a ele que talvez aquilo não seja tão importante”. Thierry Petit

Comunidade científica começa a sofrer com falta de recursos para a Ciência e Tecnologia

Recentemente, ao construir um equipamento em seu laboratório, o professor e pesquisador do Instituto de Física da UFBA, Iuri Muniz Pepe, se viu obrigado a procurar uma peça na sucata. “Já tinha uns 10, 12 anos que eu não fazia isso e tive que fazer agora”, ele conta, ainda com certo humor, embora a situação de seus laboratórios seja preocupante. É um dos primeiros indícios que a crise político-econômica na qual o Brasil se encontra tem atingido cada vez mais o setor da ciência e da tecnologia.

Embora as universidades e institutos federais já viessem enfrentando contingenciamento de recursos desde 2015, no ano passado, com o impeachment e a consequente instabilidade política e avanço neoliberal, o quadro se agravou ainda mais. Além da fusão do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI) com o Ministério das Comunicações, o novo MCTIC sofreu em 2017 um corte de 44% em seu orçamento, reduzindo a previsão de R\$ 5,04 bilhões para R\$ 3,2 bilhões, o menor valor dos últimos 12 anos, de acordo com dados da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). “Um corte no orçamento Federal para Ciência e Tecnologia [significa] redução do orçamento da CAPES, do CNPQ, da FINEP e redução também no orçamento do plano do governo do estado em relação à Fapesb, a Fundação de amparo à pesquisa no estado”, explica Olival Freire,

“O novo MCTIC sofreu em 2017 um corte de 44% em seu orçamento, reduzindo a previsão de R\$ 5,04 bilhões para R\$ 3,2 bilhões, o menor valor dos últimos 12 anos...”

pró-reitor de Pesquisa, Criação e Inovação (PROP-CI) e de Ensino de Pós-Graduação da UFBA (PROPG). Ainda de acordo com Freire, a fusão dos Ministérios criou um problema adicional ao afetar a interlocução da área de ciência e tecnologia com o Governo Federal. O relatório anual da Pró-reitoria de 2016 já explicita algumas reduções progressivas: por exemplo, a captação de recursos junto ao CNPQ no ano de 2015 chegou a um total de R\$ 32.571.000,00; em 2016 esse valor caiu para R\$ 18.960.000,00. O caso da Fapesb é ainda mais grave: de R\$ 11.330.536,59 captados em 2015, o aporte em 2016 foi apenas R\$ 820.219,00. “[a] Fundação de apoio no estado não está em uma boa situação, embora o governo tenha dito que está preocupado em trazer a fundação de novo a uma situação de saúde financeira para que ela possa honrar, inclusive, os convênios que ela já tinha assinado com os pesquisadores. Eu ouço falar de projetos que estão desde de 2014 sem novos recursos. Alguns que não receberam absolutamente nada”, afirmou o coordenador de Pesquisa da PROP-CI, Thierry Petit.

A carência só não se mostra ainda completamente graças a recursos já garantidos em anos anteriores. Conforme diz Freire: “nós começamos a ter esses cortes, essas reduções em 2015, 2016; mas eu diria que a área de pesquisa tinha alguns meios ainda de defesa. Por exemplo, muitos pesquisadores tinham recursos de projetos que estavam em andamento; ou então o bolsista já estava com a bolsa em mãos. Muitas vezes acontece que o pesquisador tenha, por exemplo, insumos para área laboratorial. Então eu diria que esse momento mais crítico no qual começará a faltar recursos básicos, ele está no horizonte”. O professor Pepe pensa o mesmo. Como um dos coordenadores do Laboratório de Propriedades Óticas e do Laboratório de Parafinas, que atualmente contam com 18 estudantes de mestrado e doutorado, suas dificuldades se devem em grande parte aos

escândalos que envolvem a Petrobrás, com a qual os Laboratórios têm contratos de parceria. “A gente já fez vários projetos aqui com a Petrobrás, por isso a gente ainda tem uma certa ‘gordura’ esse ano para usar. Mas na medida em que os escândalos se sucederam e que complicações internas da empresa aumentaram, a possibilidade de renovar, de ter um projeto novo diminuiu”, lamenta. E traz ainda outro exemplo: “eu tenho alunos que foram formados aqui e hoje em dia são professores da UFRB. Junto com esses alunos eu montei um projeto de pesquisa sobre questões de energia para motores diesel (...) e nós conseguimos, junto ao governo do estado, o financiamento de um laboratório em Cruz das Almas. E, de uma hora para outra, o estado se negou a pagar a segunda parcela desse contrato. Isso deixou a gente numa posição péssima porque eu tenho hoje parte do laboratório montado, tenho um estudante fazendo doutoramento lá e não tenho a segunda parcela do contrato para continuar. Foi uma espécie de freio para todo o desenrolar da nossa atividade de pesquisa e retomar esse mesmo ritmo leva muito tempo”, diz.



Olival Freire



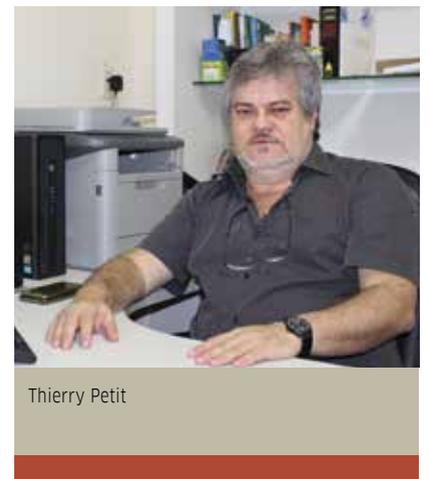
Daniel Ferraz

IMPLICAÇÕES

A ausência de recursos já tem afetado publicações e participações em eventos e congressos. “Do ponto de vista da pesquisa, no ano corrente você está preparando os resultados para o ano seguinte. Eu que já tive da ordem de 10 publicações em revista indexada por ano durante 20

Redução de danos

Tanto Olival Freire quanto Thierry Petit destacaram algumas iniciativas da universidade para administrar a diminuição dos recursos da melhor forma possível. “Nós temos racionalizado o uso desses recursos”, diz Freire, “por exemplo, edital para professor da UFBA ir para o exterior não existe mais. Alguns editais nós desativamos para, com recursos próprios da UFBA, apoiar a pesquisa e a pós-graduação”. A busca por financiamento extra também persiste e resultou esse ano, no edital para “Jovens Doutores”, que apoiou 55 projetos de pesquisa. “Além de serem razoavelmente bem distribuídas em todas as áreas do conhecimento, as propostas tiveram um nível altíssimo. Se houvesse mais recursos a gente poderia estender muito mais o número de pessoas que foram apoiadas”, explicou Petit.



Thierry Petit

anos, esse ano eu tenho dois e estou lutando para conseguir mais um ou dois”, diz Pepe. Para além disso, outro problema levantado por Thierry Petit é a dificuldade em atrair novos alunos para as pós-graduações: “o horizonte para novos concursos não está muito bom. Em não havendo mais isso a gente vai sofrer. Vai haver um desinteresse pelas pós-graduações(...). O que mais me assusta é as pessoas começarem a achar que não vale a pena fazer ciência. Quando você tira uma bolsa de iniciação científica de um aluno, por exemplo, você está dizendo a ele que talvez aquilo não seja tão importante”.

A situação fica ainda mais difícil quando se considera as pesquisas conduzidas por professores mestres. Docente e doutorando no Instituto de Ciências da Saúde da UFBA, Daniel Ferraz trabalha - junto com a também mestra e professora, Karen Trippo - no projeto “Comparação entre os efeitos dos exercícios através do treino funcional, bicicleta estacionária e exergame na Doença de Parkinson: um ensaio clínico randomizado”. O estudo é feito com um grupo de 62 pacientes do Centro de Referência Estadual de Atenção à Saúde do Idoso - CREASI e não conta com ne-

nhum tipo de financiamento. “É um ensaio clínico e a gente financia sozinho, do próprio bolso. Da UFBA a gente conseguiu, mediante muito esforço e burocracia, duas bicicletas e alguns equipamentos de avaliação”, conta. A titulação dos dois pesquisadores os impede de sequer disputar recursos que ainda estão disponíveis. “Eu sou mestre, ela também é mestre e a gente não pode, devido à titulação, ser coordenador de nenhum grupo de pesquisa, então a gente não pode concorrer a edital”, explica Ferraz.

AÇÕES

Diante do quadro, algumas articulações, institucionais ou não, têm sido feitas. Além da própria SBPC, Olival Freire afirma que o FOPROP (Fórum Nacional de pró-reitores) tem sido um interlocutor importante junto à Capes, CNPQ, FINEP. Segundo ele, “o principal assunto é sobre financiamento. Outro assunto importante que roda nesses fóruns é a regulamentação e implementação do Marco Legal da Ciência, Tecnologia

e Inovação”. Outra iniciativa foi a Marcha pela Ciência, um movimento mundial, que, no Brasil, teve uma edição no dia 22 de abril com atos em várias cidades. Além de defender um melhor financiamento, a Marcha se propunha a enfrentar o crescimento da deslegitimação do saber científico no mundo. “A Marcha pela Ciência, visa enfrentar tanto o pleito por investimentos quanto sensibilizar a sociedade para a defesa da ciência. Isso não quer dizer que não exista ciência mal utilizada, tecnologia mal utilizada, tudo isso, mas a crise de civilização que nós estamos metidos, a saída dessa crise vai demandar mais ciência e não menos ciência”, afirma Freire. Embora também favorável à Marcha, Petit, lamentou o alcance limitado que ela teve no país e fez um alerta à comunidade científica: “eu acho que a comunidade científica no Brasil, embora tenha já um certo número, ela ainda está amadurecendo. Talvez ela já tenha até um nível científico, mas ela precisa ainda conquistar uma certa maturidade política. Ela precisa se posicionar politicamente, esse é um fato que nos tem tirado posições e isso se agrava quando a gente tem essa situação conturbada em que vive o Brasil”.



Estela Aquino

Mais prejuízo para as mulheres?

Apesar de já produzirem metade da ciência no Brasil - de acordo com levantamento realizado pela editora científica Elsevier, publicado no 8 de março desse ano - as mulheres ainda têm que lidar com a desigualdade de gênero na academia, especialmente em relação à sua inserção em cargos de liderança. A professora e pesquisadora do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, Estela Aquino, pondera que as mulheres vêm ganhando espaço em áreas tradicionalmente masculinas, como medicina, odontologia e mesmo nas engenharias e ciências exatas: “desde 2010, somos metade das pesquisadoras cadastradas na Plataforma Lattes do CNPq, além de termos nos equiparado aos homens em quase todas as bolsas exceto as de produtividade em pesquisa, onde provavelmente, operam mecanismos de discriminação de gênero”, afirma. Apesar dos avanços, a professora destaca a persistência de desequilíbrios: “ganhamos menos e temos maior responsabilidades no cuidado da família, o que com certeza impacta nossa mobilidade acadêmica e a nossa produção. Estamos menos representadas nos cargos de prestígio e nas academias de ciência”. Esse quadro, segundo ela, só tende a se agravar em um cenário de restrições, impactando as políticas voltadas à equidade de gênero na ciência e o incentivo à própria pesquisa de temáticas voltadas às questões de gênero, racismo e sexualidades: “Não há dúvida que em situações de contenção de recursos, a eleição de prioridades se dá com prejuízo de temas e questões consideradas de menor relevância e com menos prestígio. Toda a luta que temos travado para consolidação do campo de estudos em gênero nas diversas áreas do conhecimento terá que ser redobrada, especialmente se considerarmos que há um avanço importante do conservadorismo”, alerta.

Uma artista da universidade

Vestida de preto, os cabelos ruivos penteados para trás, rodeada de alunos e objetos de cenário: a professora Sônia Rangel recebe a nossa visita em meio à plena atividade. Ela e seus estudantes preparam um novo espetáculo e o clima é de animada expectativa. “Ensaio não é teatro”, ela diz; a peça só se realiza em contato com o público e, até lá, há muito trabalho a ser feito.

Carioca, Sônia Rangel chegou a Salvador nos anos 1970 e foi aluna da Escola de Belas Artes da UFBA. O teatro convive com sua outra atuação como artista plástica e ela hoje é professora dos Programas de Pós-Graduação tanto da Escola de Belas Artes quanto da Escola de Teatro da UFBA, onde coordenada o grupo de Teatro “Os Imaginários”. Enquanto conversamos, parte do grupo trabalha colando e arrumando caixas de papelão. São estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado que, junto com a professora, pensam, escrevem, produzem e põem em cena todo o espetáculo: “o sistema todo é cooperativado”, explica Sônia. Nem ela nem os estudantes têm qualquer apoio no financiamento dos projetos, nem esperam grandes ganhos de bilheteria. “Aí é um princípio da minha própria maneira de atuar. Aqui é tra-

balhar de fato com a vontade de você estar fazendo uma coisa e querer que fique bonita. Isso eu acho que é a moeda que não tem preço, é a moeda que faz a gente ficar vivo”.

O prazer de atuar com a criatividade de fica evidente quando falamos do espetáculo em construção. Chama-se *Protocolo Cidade: uma fábula dos escombros* e tem estreia marcada para o dia 12 de julho, no Teatro Martim Gonçalves, onde ficará em exibição por uma curtíssima temporada. “É um drama lírico. Trata de personagens que estão manuseando os escombros, a lama, em lugares que estão em toda parte do mundo atual: no país, na política, no cotidiano da gente... Paralelo a isso tem um fio de uma narrativa mítica, poética que é o que eu gosto, que meu trabalho está sempre coincidindo”. Ela destaca que durante o processo de concepção do espetáculo aconteceu o desastre de Mariana e, logo em seguida, os escândalos políticos nos quais o país ainda se encontra mergulhado; esses temas, porém, não são tratados diretamente na

peça. “Os personagens são anônimos. Na verdade, é uma bricolagem de situações que estão na periferia de qualquer cidade”. Os personagens-bonecos, outra característica recorrente, farão sua aparição em *Cidade*, mas Sônia faz questão de esclarecer que não é uma montagem voltada para o público infantil: “é uma acepção do teatro de formas animadas contemporâneo, não é aquele teatro de bonecos tradicional. Não tem nada que ofenda, que a criança não possa assistir, mas a elaboração dramática não é muito pra criança pequena”.

De seu trabalho anterior, *Protocolo Lunar*, ela guarda boas experiências e o prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz (2011). A dramaturgia foi publicada pela editora Soliluna e o espetáculo fez parte do projeto Prata da Casa, em comemoração aos 70 anos da UFBA, em 2016. Também rendeu um filme, em parceria com a professora Marise Berta, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciência (IHAC/UFBA), atual-

mente em fase de pós-produção. Se *Protocolo Cidade* vai repetir a boa recepção de *Lunar*? “É uma incógnita. A gente dá o que tem - o que pode - de melhor”, diz. Para ela, o mais importante é o prazer do fazer e o caráter pedagógico: “quando a gente começa a olhar os processos de contato com o público, palestras, oficinas, essas coisas que vêm o com ‘fazer’ e as pessoas que a gente já formou... Acho que isso é muito importante, eu me sinto muito uma artista da universidade. E uma artista da universidade pública, eu acho que isso é ainda mais importante”. E daqui para frente, o desejo de Sônia é continuar realizando: “essa semana eu tive um encontro com Pascoalino Magnavita, que é meu colega lá de Arquitetura. Eu nem achava que era tanto, mas Pascoalino está com 87 anos. Eu disse, ‘poxa, se eu chegar aos 87 anos fazendo essas coisas todas, vou ficar muito feliz”.



PROTOKOLO CIDADE

Uma fábula dos escombros

Espetáculo-Exposição de Sonia Rangel

Com Cláudio dos Anjos, Elisa Reichmann, Flora Rocha, Yarasarrath Lyra e o músico e artista visual Zé de Rocha, direção musical Luciano Bahia.

Temporada: 12 a 16 de julho (duas sessões todos os dias, às 18h e às 20h)

Local: Teatro Martim Gonçalves (Rua Araújo Pinho, 292, Canela)

Classificação: Livre, porém recomendado para crianças a partir de 08 anos.

Entrada Franca